

**Thompson, Classe Social, trabalhadores, movimentos sociais e filantropia:
Um estudo sobre o uso conceitual nas experiências dos trabalhadores
no Brasil nas décadas de 1970, 1980 e 1990**

Vanessa de Oliveira Brunow *

Resumo: Este trabalho tem como principal finalidade trazer uma reflexão acerca dos conceitos de classe social e experiência segundo Edward Thompson. Tal perspectiva, pode vir a ser elemento importante para entender os movimentos sociais no Brasil Contemporâneo. Nesse sentido, pretende-se através dessa análise, compreender a prática social de uma Organização Não Governamental e sua relação com os movimentos sociais de várias regiões brasileiras nas décadas de 1970-1990.

Palavras-chave: Edward P. Thompson, Movimento Social, Organização Não Governamental.

Abstract: The main purpose of this work is develop a reflection concerning the concept of social class and experience according Edward Thompson. This perspective could be an important element to understand the social movement in contemporary Brazil. Therefore, we intend throughout this analysis, understand the social practice of a Non-Governmental Organizations and its relationship with social movements in several zones of Brazil in 1970's to 1990's.

Key-words: Edward P. Thompson, Social Movement, Non-Governmental Organizations.

A principal finalidade deste trabalho é trazer uma reflexão acerca da relação entre a teoria de Edward Thompson sobre classe social e sua possível aplicação nas análises sobre movimentos sociais no Brasil contemporâneo. Portanto, esta reflexão privilegiará as análises do historiador, não esquecendo o contexto em que foram escritas e o objetivo pelo qual foram criadas.

A escolha de tal recorte além de repensar a teoria de Thompson, localizando-a dentro de seus objetivos, pretende também contribuir para o estudo de uma Organização Não Governamental no Brasil nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Nas documentações que já foram previamente analisadas, mas que ainda estão em pesquisa, é retratado o cotidiano e as reivindicações feitas por trabalhadores de várias regiões do Brasil. Também são mostradas as estratégias de luta e de superação por meio de denúncias e esforços de auto-organização, com a criação de sindicatos, cooperativas, comunidades agrícolas, etc. Entretanto, será possível

* Mestranda em História na Universidade Federal Fluminense (UFF).

realizar uma análise mais rica e proveitosa para a historiografia por meio de uma análise apurada das fontes e uma leitura atenta e crítica dos referenciais teóricos que utilizo, entre eles estão o conceito de classe e experiência de classe segundo Thompson.

Classe social em Thompson

A classe para Thompson acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. Essa inovação quebra com a forma binária de entender a classe: meios de produção – trabalhadores, e introduz um novo elemento: a experiência.

Essa nova relação acontece da seguinte maneira: as relações sociais colocam os trabalhadores numa condição real de exploração. Essa exploração faz com que os trabalhadores compartilhem uma experiência de oposição de interesses aos de seus exploradores. A consciência de classe é a forma como essas experiências são elaboradas em termos culturais. Ou seja, a experiência é determinada pelos meios de produção, não a consciência de classe, que é o requisito para a própria classe no seu sentido maior.

Thompson deixa claro que privilegia a luta de classe em detrimento da classe, pois para ele a luta de classe é evidentemente um conceito histórico, pois implica um processo.

Cito:

“As classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses membros nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta da sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real”. (THOMPSON, 2001: 274)

Assim, Thompson coloca que uma classe não pode existir descolada da experiência de situações determinadas, onde a luta de classes é prioritário no processo de formação de uma classe. Junto a isso, o processo histórico é imprescindível para o entendimento da classe trabalhadora. O próprio conceito não possui significado se estiver descolado deste processo. O conceito de classe definido dentro de um processo histórico significa como Thompson diz: “negar fundamentos teóricos e políticos e intelectuais detentores do conhecimento sobre os verdadeiros interesses da classe operária” (THOMPSON, 2001: 67). Ou seja, como foi dito, o contexto de criação dessa teoria esteve ligado por exemplo a forma que alguns teóricos do

Partido Comunista enxergavam o caminho para se chegar ao socialismo, partindo de um processo pelo alto, pela vanguarda intelectual. Essa formulação teórica de Thompson faz parte de sua crítica ao *marxismo althusseriano* ou *tradição marxista stalinista*. Mas não só isso, como também acabou atingindo a pretensão cientificista, comparando tal pretensão, à lógica que predomina na economia política. Cito:

“Talvez sociologia, ciência política e história estejam profundamente marcadas por essa pretensão cientificista e tenham-se constituído, na prática, em poderoso instrumento de hegemonia das classes dominantes de nosso tempo. Mas a economia política é a grande é, sem dúvida, com o seu caminhão de estatísticas, tendências e leis que tentam reduzir o homem comum e os trabalhadores, particularmente, à mais simples expressão de burrice e passividade.” (THOMPSON, 2001: 68)

No entanto, ao mesmo tempo que Thompson critica “certos marxismos”, ele não abre mão do materialismo histórico:

“Suponho que ninguém possa pensar, por tudo isso, que eu corrobore a idéia de a formação da classe ser independente de determinações objetivas, nem que eu sustente que classe possa ser definida como simples fenômeno cultural, ou coisa semelhante. Isso seria, creio eu, desmentido pela minha própria prática de historiador, como pela de muitos outros”. (THOMPSON, 2001: 277)

Mas apesar de atentar para isso, Thompson difere da teoria que considera através de um modelo eventualmente teorizado, pode-se chegar à equação simples de uma classe com consciência de classe.

“A classe se delineia segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do conjunto de suas relações sociais, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural”.(THOMPSON, 2001: 277)

Com isso, é possível observar o quanto a formulação teórica de Thompson esteve ligada não só uma renovação historiográfica, mas também a um contexto político específico. Ou seja, é inegável a indissociável relação entre produção do conhecimento sobre a história e intervenção política militante que Thompson faz ao longo de sua vida e é nesse sentido que reivindicou sua análise e sua visão transformadora na forma de fazer história.

A aplicação dos conceitos e um panorama geral sobre o objeto de pesquisa

Nas três últimas décadas observou-se na América Latina um intenso desenvolvimento das Organizações Não Governamentais (ONGs), cujas atividades cobrem hoje os mais diversos campos da experiência social. Estas Organizações estão ligadas aos novos tipos de movimentos sociais, que são hoje uma força ascendente e decisiva no cenário social contemporâneo. Na América Latina surgem, a cada dia, em número crescente, frentes populares e organizações de bases, comitês de defesa dos cidadãos e associações de vizinhos, que funcionam conjuntamente, ou de modo totalmente independente, aos partidos tradicionais das esquerdas. Na Europa ocidental, há movimentos pacifistas, ecológicos e de iniciativa cívica em permanente ascensão. Existirão causas comuns na origem desses novos movimentos sociais? Para Hartmut Karner:

“Existem dois fenômenos responsáveis por esse processo, existentes tanto nos países industrializados como naqueles em desenvolvimento. Em primeiro lugar, há um processo crescente de alienação, acompanhado de uma perda real de confiança nas organizações políticas tradicionais. Por outro lado, ganha importância a idéia de não querer adiar para um futuro distante o sonho de uma sociedade livre e humana, mas tratar de realizá-la na prática da luta cotidiana pela sobrevivência.” (KARNER, 1987: 20)

Nesse sentido, o cenário internacional em que as ONGs latino-americanas atuam transformou-se profundamente nos últimos anos, a noção de mudança e participação ganha um tom mais individualista e não mais necessariamente classista, ou seja, que não esteja ligado diretamente a um questionamento de uma transformação radical na sociedade capitalista, mas sim, apenas na minoração dos problemas sociais existentes, problemas esses que estão profundamente arraigados a lógica da reprodução social do capital.

Tal panorama ocorre devido a diversos fatores, entre eles estão: globalização econômica e cultural, reforma do Estado e hegemonia das políticas neoliberais e do aprofundamento da degradação social daí decorrente. “Essas mudanças afetaram tanto os modelos de desenvolvimento socioeconômico e a configuração do aparato governamental dos países quanto às formas de organização e ação dos movimentos sociais e as modalidades de intervenção da cooperação internacional” (HADDAD, 2002).

O novo contexto exigiu uma reformulação dos objetivos e do perfil das ONGs latino-americanas, cujos contornos, tendências e perspectivas ainda são pouco conhecidos.

Embora diversos estudos sobre as ONGs da América latina tenham sido desenvolvidos no período recente, existe uma série de temas, sobre os quais o conhecimento disponível é

ainda incipiente. Com relação às atividades de pesquisa nas instituições financiadoras, a capacidade das ONGs latino-americanas realizarem seus próprios estudos era debilitada, o que restringiu também a sua capacidade crítica e autocrítica. Boa parte dos estudos sobre ONGs estão de certa forma comprometidos com as próprias ONGs, ou seja, muitos analistas trabalham em Organizações Não Governamentais, fornecendo boa parte da produção intelectual para o aprimoramento das instituições em que estão inseridos. Outra parcela dos estudos sobre ONGs, que tem uma visão mais crítica e é mais distante dessas Organizações analisam em sua maioria baseados numa experiência própria, ou seja, são intelectuais que vivenciaram o período de abertura democrática e de nascimento das ONGs. Junto a isso, um exame da bibliografia citada nas publicações de circulação internacional sobre terceiro setor, cidadania e responsabilidade social revela um predomínio anglo-saxão impressionante, sendo raro encontrar referência a textos produzidos no sul; estes, quando existem, têm circulação restrita ao âmbito nacional (HADDAD, 2002).

O objetivo maior dessa pesquisa baseia-se em disponibilizar um estudo apurado sobre uma Organização Não Governamental, fornecendo a partir disso, a relação estabelecida com os movimentos sociais de várias regiões do Brasil, contribuindo para uma análise crítica e aprofundada sobre o tema.

Com as análises prévias das fontes e com a leitura pertinente ao tema, tentaremos observar as mudanças ocorridas nos movimentos sociais que estão ligados ao CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) que é uma ONG criada pela igreja católica em 1962. Buscaremos através de dados qualitativos comparar as fontes de 1983, 1988 e 1998 do Fundo de Apoio ao Setor de Mini Projetos (FAM). São documentações muito extensas que incluem cartas, cheques, notas fiscais relacionadas às solicitações de trabalhadores e de movimentos sociais organizados. Este setor foi criado em 1979 para atender às demandas sociais presentes no período de abertura democrática. Entretanto, o perfil dessa documentação com o tempo vai mudando o seu perfil, isso pode ser melhor discutido ao analisarmos as cartas enviadas ao CERIS. Essa documentação é capaz de fornecer um panorama muito significativo do processo histórico ocorrido principalmente nos movimentos sociais no Brasil.

Um exemplo muito interessante é a comparação das solicitações ao longo das décadas. Num primeiro olhar, ficou muito claro nas cartas de 83, a baixa escolaridade e a pouca condição econômica e social dos solicitadores: as cartas são quase sempre escritas a mão, em sua maioria ilegíveis. Muitos são os relatos de condições de vida precárias desses trabalhadores. Já em 98 as cartas de solicitação são em sua maioria batidas a máquina ou enviadas por e-mail e o perfil tanto dos projetos quanto das solicitações muda de forma

significativa. Na entrevista feita a Isaías Bezerra, o ex coordenador do Fundo de Apoio a Mini Projetos, quando foi perguntado sobre essa diferença entre as cartas, foi dito que:

“Através dessas cartas pode ser demonstrado que ao longo dos anos 80 e 90 os movimentos sociais no Brasil vão adquirir uma espécie de classe média dos projetos sociais, um grupo que vai ter como referência não mais o modelo de movimento social, mas o modelo de ONG. Esse modelo é montado no Brasil especificamente para captar recursos públicos ou recursos da Cooperação Internacional.” (ISAIAS BEZERRA, ENTREVISTA GRAVADA EM 03/05/2007)

A partir dessa perspectiva, pretendemos observar a mudança ocorrida nas cartas que pedem ajuda ao CERIS. Nossa hipótese considera que o processo histórico ao longo das décadas de 70, 80 e 90 foi marcado pelo surgimento de um novo tipo de sujeito histórico e, do ponto de vista ideológico acompanhou-se a emergência de uma nova concepção de sociedade civil e Estado. As ONGs tiveram um papel muito importante nesse processo. Mesmo o CERIS sendo uma instituição não laica, fez parte dessa modificação da sociedade civil e dos movimentos sociais. Pretendemos verificar através dessa documentação a relação estabelecida entre o CERIS e esses movimentos sociais que estão pedindo auxílio e observar, mostrando resultados a princípio de ordem qualitativa, informações que, futuramente nos levarão a conclusões mais concretas a respeito desse processo histórico.

Como foi dito, usar conceitos como o de classe social e experiência de classe segundo Edward Thompson é um grande desafio e exige imensa responsabilidade. A aplicação de tais teorias para um contexto brasileiro e contemporâneo requer múltiplos cuidados. O uso possível que pretendemos fazer desse arcabouço teórico remete à concepção de classe definida dentro de um processo histórico.

Na prática, as cartas enviadas ao CERIS valorizam a experiência de vida dos trabalhadores, quando aborda as questões que preenchem e dão forma ao seu cotidiano. Muitos são os relatos de condições de vida precárias desses trabalhadores, a falta de moradia e saneamento básico, o ambiente de precarização e exploração que vive em seus trabalhos, a denúncia de colegas de trabalho que acabam indo para o lado do patrão e denunciam por exemplo, a formação de sindicatos, entre outros. Éder Sader, em seu estudo sobre trabalhadores em São Paulo nas décadas de 1970 e 80, mostra a importância de entendermos através da experiência compartilhada o modo de organização social. “O modo de organização social condiciona a constituição dos sujeitos da ação, as falas e seus significados” (SADER, 1991). É útil se entendermos “modo de organização social” como sendo experiências compartilhadas por determinados trabalhadores, sejam estas de perceber, discutir e enfrentar uma dada condição comum de exploração e opressão.

É importante atentar para o fato de que o cotidiano visto nas cartas enviadas pelos trabalhadores ao CERIS tem um objetivo, que é o de conseguir o auxílio da Instituição, mas ainda assim, esses documentos continuam sendo extremamente importantes, já que atualmente a história trabalha e valoriza justamente as “palavras não ditas”, ou seja, ainda que um documento que relata o dia a dia de um grupo de trabalhadores seja com um objetivo determinado, tal fato pode nos fornecer valiosas informações sobre o cotidiano destes, e ainda que tal documento tenha um objetivo muito específico, que no caso é de conseguir a aprovação de um projeto ou o financiamento de um recurso determinado por uma Organização Não Governamental, tal panorama pode, inclusive, enriquecer a interpretação de uma pesquisa.

Nas cartas de 1983, percebe-se que as cartas estão sendo escritas pelos próprios trabalhadores. Este é um fato muito interessante e raro, que permite colocar o trabalhador como sujeito de sua própria história, uma história como Thompson afirma, “vista de baixo”, longe dos documentos oficiais e da elite. Através dessa realidade, podemos traçar a experiência vivida nas diferentes regiões do Brasil, já que as cartas são enviadas de diversas regiões brasileiras. Essas fontes trazem um imenso, porém prazeroso desafio, que é o de tentar acompanhar, avaliar, refletir e trazer à tona momentos de práticas políticas muito ricas e consistentes. É uma pesquisa que pretende escrever a história dos trabalhadores sob a perspectiva de sua própria experiência social. Tem-se o objetivo de encarar, como Thompson também reivindica, a experiência dos trabalhadores pelo ângulo de valores, hábitos, costumes, modos de viver, mas não só isso, como vivenciar condições de exploração no trabalho e suas dimensões de jornada e salários.

Pretendemos estar atentos como foi dito, para os objetivos de tais cartas, que é conseguir ajuda de uma Instituição filantrópica. Além disso, procurar perceber o que esse relacionamento entre os movimentos sociais como um todo e as Organizações Não Governamentais provocaram e ainda provocam na realidade brasileira. Para isso, é preciso discutir sobre a sociedade civil que tem se constituído desde a abertura política no final da década 1970 e início de 80.

Como já foi dito, as três últimas décadas, foi um período de grande efervescência dos movimentos sociais no Brasil. Ligado a esse processo, tivemos nesse período a constituição das ONGs. Muitas delas protagonizadas por ex-exilados, que propunham uma modificação substantiva nas formas de organização popular.

Segundo René Dreifuss, essas instituições, que entre as principais estão as Organizações Não Governamentais, passam a não mais estar coligadas a partidos e a um projeto social e político comum, mas em demandas específicas. Do ponto de vista de sua sustentação, em sua maioria, vinculavam-se a entidades ligadas às igrejas (cristãs), ou setores diretamente empresariais, fortemente internacionalizados (DREIFUSS,1986). A filantropia internacional apoiava diretamente a construção de ONGs, assim como financiavam a grande maioria de seus projetos.

Por caminhos diferenciados, a *concepção de autonomia* experimentava um importante deslizamento de sentido, afastando-se da concepção de autonomia de classe, isto é, capacidade de construir uma contra-hegemonia, uma outra visão de mundo para além dos limites corporativos. Na verdade, esses movimentos passavam a expressar a ‘autonomia’ de grupos organizados em torno de demandas específicas. Para Virgínia Fontes em seu estudo sobre sociedade civil na década de 80, boa parte da reflexão sobre a relação dos movimentos sociais (FONTES, 2006), sobretudo de cunho acadêmico, nos anos 70 e 80, enfatizava e sobrevalorizava a autonomia. Contribuíram muitas vezes, para manter tais movimentos no terreno de luta imediata na qual se haviam constituído – moradia, saneamento, água, escola, saúde, transporte, etc. Recusavam reflexões de cunho classista – isto é, que procurassem articular tal luta de cunho corporativo a projetos societários mais amplos e a educar de forma contra-hegemônica esses movimentos populares.

Criava-se no Brasil um grupo intermediário que passava a falar pelos movimentos sociais em nome da autonomia, de fato esta se viu reduzida, pois antes tinham uma expressão mais autônoma. Este seria a meu ver o grande prejuízo desse processo e a documentação que está sendo pesquisada vai demonstrar uma “espécie de “classe média” dos movimentos sociais, que vai surgindo ao longo da década de 70 e principalmente na década de 80. Um grupo que vai ter como referência não mais um modelo de projeto social, mas um modelo de ONG. Esse novo modelo é criado para captar recursos públicos ou recursos da cooperação internacional para assim servir de ponte para o financiamento dos grupos sociais”[†]. Esses organismos de cooperação Internacional estão em sua maioria ligados à Igreja ou ao Estado e passam a destinar recursos aos movimentos populares através dos centros intermediadores que mais tarde se transformam em ONGs.

Segundo Alois Moller:

[†] Frase de Isaías Bezerra, coordenador do setor de pequenos projetos do CERIS em entrevista concedida em 03/05/2007.

“Eles (os centros de apoio aos movimentos sociais) nascem para apoiar os movimentos populares, geralmente nascem de um forte impulso ideológico. Num primeiro momento, seu objetivo é a promoção de organizações populares e a conscientização do sujeito popular para que entenda sua verdadeira situação e atue superando os esquemas ideológicos da sociedade tradicional e capitalista. Grande parte deste trabalho foi feita inicialmente por voluntários e sem remuneração”.
(MOLLER, 1991)

Quando as agências internacionais descobrem que estes centros são os melhores intermediários, dada a incapacidade das próprias agências de atuar diretamente e sua carência de informação detalhada sobre a realidade dos países latino-americanos, a estas funções (conscientização e promoção) vem acrescentar-se mais duas: Apresentação de serviços (assessoria técnica, formação profissional etc.) e a canalização de fundo das agências para determinados setores populares. Desta maneira, estabelece-se uma “cadeia clientelista”: das agências e dos centros para os grupos populares.

Nas últimas décadas esses centros converteram-se em ONG’s e passaram a se organizar no sentido de poder melhor intervir na sociedade civil, no entanto, de certa forma eles passam a substituir as organizações populares nas reivindicações, ou seja, passam a ser a voz dos movimentos sociais, tirando sua autonomia tanto de organização, quanto de reivindicação e luta junto a sociedade civil e ao Estado. Por outro lado, sabemos que esse setor depende de financiamento externo, o que de fato compromete o auto-financiamento dos movimentos sociais, gerando com isso, uma conseqüente subordinação desses movimentos às políticas determinadas por esses organismos financiadores. Gerando o que Alois Moller vai chamar de mercado de doações.

Nesse sentido, apesar da clara resistência e luta feita pelos trabalhadores à realidade vivida, na qual poderia levar a uma autonomia de classe. Apesar disso, parte significativa dessas instituições que estiveram ligadas ao contexto histórico vivido nas décadas de 70, 80 e 90 contribuiu muito mais para o apassivamento e a dependência dos movimentos sociais, do que para uma real transformação da realidade vivida por esses trabalhadores. Pretendemos através da teoria de Thompson, olhar para a realidade dos trabalhadores através de seus relatos, analisando suas formas de luta, de sobrevivência, sua visão de mundo, etc. Mas para além disso, temos como objetivo, atentar para a relação de intermediação que as Organizações Não Governamentais tiveram para com os movimentos sociais no Brasil, que no nosso estudo, baseia-se no CERIS, que é uma ONG criada pela igreja católica em 1962, no Rio de Janeiro, mas que beneficiou movimentos sociais de várias regiões do Brasil e que com isso, pode nos fornecer subsídios muito importantes para entender os movimentos sociais brasileiros nas três últimas décadas.

Bibliografia:

BEBBINGTON, Anthony. Reflexões sobre a relação norte-sul na construção de conhecimentos sobre as ONG's na América Latina. . In: HADDAD, Sérgio (org). *ONG's e Universidades: desafios para a cooperação na América Latina*. S.P; Abong; Peirópolis, 2002.

BOSI, Antônio de Paduá. Os “ Sem Gabarito” : experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo / MG nas décadas de 1970/1980. Cascavel; EDUNIOESTE; 2000.

CEVASCO, Marisa Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

FORTES, Alexandre (org). Peculiaridades de E. P. Thompson. In: *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Negro, Antonio Luigi e Silva, Sergio (orgs). Campinas, SP: Ed da UNICAMP, 2001.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo*. S.P; Cortez; 2000.

_____. “A democracia como valor universal.” *Encontros com a Civilização Brasileira*, n.9, março de 1979.

DINIZ, Eli. *Empresário, Estado e capitalismo no Brasil. 1930-1945*. R.J. Paz e Terra, 1978.

DREIFUSS, René. 1964: *A conquista do Estado. Ação política, Poder e Golpe de Classe*. 3ed; R.J; Vozes, 1981.

_____, René. *A internacional capitalista. Estratégias e táticas do empresariado transnacional, 1918-1986*. Rio, Espaço e Tempo, 1986.

FONTES, V. “Sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e luta teórica na década de 1980”. In: Lima, J. e Neves, L. (Orgs.) *Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo*. Rio, Fiocruz, 2006.

_____. *Reflexões Impertinentes: história e capitalismo contemporâneo* FONTES, Virgínia. “Que hegemonia? Peripécias de um conceito no Brasil.” *Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Bomtexto, 2005.

LANDIM, Leilah. Múltiplas identidades das ONG's. In: HADDAD, Sérgio (org). *ONG's e Universidades: desafios para a cooperação na América Latina*. S.P; Abong; Peirópolis, 2002.

LIGUORI, Guido. *Roteiros para Gramsci*. RJ; Ed: UFRJ, 2007.

LIMA, Júlio César França; NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). *Fundamentos da Educação Escolar do Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. R.J, Vício de leitura, 2002.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro (1955-1988)*; R.J; Vício de leitura; 1998.

_____, Marcelo Badaró (org). História: pensar e fazer ; R.J; LDH; 1998.

MENDONÇA, Sônia Regina de e FONTES, Virginia Maria. História do Brasil Recente– 1964-1980. S.P, Ática, 1991.

_____, Sonia Regina. *Estado e Sociedade*. In: MATTOS, Marcelo Badaró (org). História: Pensar e Fazer. Rio de Janeiro, LDH, 1998.

_____. Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento; R.J; Graal, 1986.

MATTOS, Marcelo Badaró (org). História: pensar e fazer ; R.J; LDH; 1998.

_____, Marcelo Badaró. A trajetória de E.P. Thompson: engajamento político e trabalho intelectual. 2008. (artigo cedido pelo autor)

MICELI, Sérgio (org e seleção). LIBER. “O espírito *WHIG* sem o elitismo”: entrevista com E. P. Thompson. Ed, EDUSP, 1997

MOLLER, Alois. Organização popular e clientelismo internacional. Cadernos do CEAS. n. 133, maio. - jun. 1991.

NEVES, L. (org.) A nova pedagogia da hegemonia. Estratégias do capital para educar o consenso. SP, Xamã, 2005.

POULANTZAS, Nicos. O Estado, o Poder, o Socialismo. R.J; Edições Graal, 1980.

SCHERER-WARREN, Ilse. Rede e sociedade civil global. In: HADDAD, Sérgio (org). Ong's e Universidades: desafios para a cooperação na América Latina. S.P. Abong; Petrópolis, 2002.

THOMPSON. E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Vol. 1, A Árvore da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. E. P. *As peculiaridades dos ingleses*. IN: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998.

_____, E. P. `O espírito Whig sem o elitismo`. In: BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. **Liber 1**. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____, E.P. Senhores e caçadores: a origem da lei negra. R.J., Paz e Terra, 1987.

_____, E. P. A formação da classe operária inglesa. 3 vols. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. E.P. Uma interessante análise da “Carta Aberta” In: Mário Duayer, “Concepção de História e apostasias da esquerda”, *Crítica Marxista*, 22, Campinas, 2006.